

Videolização na educação: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça

Luis Porto Macedo[1]

Resumo: Uma sedição cultural surge do estreitamento da fronteira entre o agenciamento registrado em câmera (Live action footage) e a internet. A profusão e a rapidez da transmissão de dados delimitadas por estas características (captura e compartilhamento) em ambiente escolar são analisadas aqui sob a denominação de videolização. Neste trabalho, o esforço é de mapear caraterísticas do fenômeno a partir do uso espontâneo e factual do celular no registro de flagrantes em ambiente escolar. Esta análise leva em conta os conceitos da fenomenologia da percepção de Merleau Ponty, da Cibercultura de Pierre Levy e da Hipermodernidade de Giules Lipovetski.

Palavras-chave: videolização; educação; cinema.

Videolization in education: an idea in the hand and a camera in the head

Abstract: A cultural revolution arises from the approach of the event recorded on camera (Live action footage) and posted on the internet. The profusion and speed of data transmission delimited by these characteristics (capture and sharing) in a school environment, are analyzed here under the name of videolization. In this work, the effort is to map characteristics of the phenomenon from the spontaneous use and factual aspects of the mobile device in the recording of occurrences in the school universe. This analysis takes into account the concepts of Merleau Ponty's phenomenology of perception, Pierre Levy's Cyberculture, and Giules Lipovetski's Hypermodernity.

Keywords: videolization; education; movie theater.

INTRODUÇÃO

No mundo virtual, entenda-se no sentido tecnológico estrito, o vídeo transformou-se num expediente informacional múltiplo, ganhou formatos e uma dinâmica narrativa intimamente ligada a sistemas e conceitos próximos da interatividade e da dialogicidade. Esta multiplicidade, ao que parece, não implica na substituição de formatos ou formas narrativas. A convivência virtual contempla a diversidade de suportes que vão se estratificando em nichos específicos. A importância da utilização do vídeo pode ser resumida na pesquisa divulgada pelo Índice Visual Networking Cisco[2], afirmando que, até 2020, o tráfego de vídeo na internet representará 82%

[1] UFPel, Centro de Artes, Departamento de Artes Visuais, Curso de Cinema de Animação. Grande área: Letras, Linguística e artes. Área artes

2 https://www.cisco.com/c/pt_br/solutions/service-provider/visual-networking-index-vni/index.html

MACEDO, Luis Porto. Videolização na educação: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.103-124, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.

das formas de interação em rede. Ainda próximos da forma tradicional de narrativa e recepção, o YouTube e a Netflix detêm a ponta de consumo, mas são as redes sociais como o Facebook e o Snapchat que dinamizam as funções do vídeo, incorporando funcionalidades e tendências cada vez mais interativas. Uma transmissão ao vivo, um gif, uma selfie animada transformam-se em signos factuais ativos e recorrentes. Enquanto no início do conceito narrativo fílmico a relação produto e espectador caracterizava-se como autocrata, o vídeo parece avançar à dimensão de ferramenta de diálogo.

O termo videolização é usado aqui não como referência conceitual assentida de forma generalizada. A expressão é recorrente em discussões e abordagens ocasionais, mas não é consonante na comunidade acadêmica. A opção por este termo se deve ao fato de ele resumir o fenômeno a uma denominação de fácil entendimento para o leitor. A videolização consiste no uso profuso, disseminado e instantâneo da captura da imagem em movimento (vídeo), em qualquer circunstância, somado à ação de compartilhamento em rede. O pressuposto é que este fenômeno implique em uma possível ressignificação da função do vídeo, em relação à linguagem audiovisual original.

As questões levantadas nesta análise estão equacionadas por uma intersecção de conhecimentos hodiernos. O papel assumido pelo vídeo no contexto da cibercultura, a confluência das características do fenômeno a partir da ótica da Fenomenologia da Percepção e a expressão tempo-espaço dispersa nos campos da hipermodernidade e configurada em captação e compartilhamento são os aspectos delimitadores desta análise. Como dispositivo, a escola representa a referência temporal das mutações culturais. Inerentes à sua dimensão formativa, as forças potenciais que atuam no universo escolar representam o recorte e o centro de interesse para a nossa análise.

O vídeo está inserido no contexto escolar desde a década de 1980 e, considerando esta realidade, surge o nosso problema de pesquisa: Como se dá o fenômeno de videolização em ambiente escolar?



1 - UMA CÂMERA NA MÃO E UMA IDEIA NA CABEÇA

No cinema, a técnica gerou a arte. Os primeiros filmes eram capturas do cotidiano (saída dos trabalhadores da fábrica Lumière, chegada de um comboio à Gare de La Ciotat). Imagens em preto e branco e sem som e com câmera fixa em plano geral. Os irmãos Lumière deram origem ao documentário, ao equiparem, em 1896, alguns fotógrafos com aparelhos cinematográficos e ao enviá-los para vários países, tendo em vista a recolha de imagens de outros locais e culturas.

Se destacarmos os elementos invariantes da gênese inicial do cinema pré-melesiano, é possível identificar o cotidiano casual como conteúdo fenomenológico, bem como a câmera fixa como moldura narrativa. A condição tecnológica condicionava a diegese que, por assim dizer, apresenta o mundo irrefletido, o ser bruto, o sentido originário, o modo de estar antes da objetivação e do distanciamento, o invariante estrutural na totalidade do ser que é o foco do desvelamento expresso na própria fenomenologia, a essência.

A condição de este artigo estar fundamentado nos conceitos da fenomenologia se deve ao fato de que a óptica fenomenológica considera o fenômeno como movimento calcado na percepção. Distinto da simples aparência do real, o fenômeno é aquilo que se expõe, que se apresenta, que é dotado de sentido. Para a fenomenologia, o comportamento não é, exclusivamente, fruto de um processo mecanicista, mas sim resultado de intenção e de sentido.

A noção merleau-pontyana de percepção está baseada em uma atitude corpórea, a "cor, antes de ser vista, anuncia-se então pela experiência de certa atitude de corpo que só convém a ela e com determinada precisão" (PONTY, 1994). Trata-se de considerar a experiência como a centralidade do campo definidor dos sentidos, não apenas como uma representação, mas um acontecimento. A percepção como expressão pura do sentido e o sentido como expressão pura da existência.

> Antes da ciência do corpo – que implica a relação com outrem –, a experiência de minha carne como ganga de minha percepção ensinou-me que a percepção não nasce em qualquer outro lugar, mas emerge no recesso de um corpo." (PONTY, VI, 2014, p.21).

MACEDO, Luis Porto. Videolização na educação: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.103-124, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



É preciso destacar a importância deste conceito nas correntes filosóficas que beberam na fonte da fenomenologia ao colocar o corpo na centralidade da reflexão, propondo, desta forma, um axioma de reversão filosófica. Na obra de Michael Foucault, o corpo é destacado como complexo de forças que se articulam e travam um constante embate. É a revelação do corpo como objeto e alvo do poder. Corpos dóceis moldados pela condição de passividade e manipulação, "que se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam" (FOUCALT, VP, 2014).

Este enfoque encaminha a reflexão para a assertiva da corporeidade nos processos de significação e expressão que vão além da linguagem e do pensamento. O percurso invoca a estrutura da vida intencional em um desdobramento de luta de consciências comprometido com os outros e com o mundo.

> É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo, 'coisas'. Assim 'compreendido' o sentido do gesto não está atrás dele, ele se confunde com a estrutura do mundo que o gesto desenha e que por minha conta eu retorno, ele se expõe no próprio gesto. (PONTY, FP, 2011. p 253).

Nesta óptica encontramos base de análise tanto na redução eidética de Husserl quanto na revisão que Ponty faz da sua própria obra, ao considerar *como o homem é capaz de constituir sentido no mundo*. A preocupação aqui é descartar elementos empíricos. O modo de preencher as essências é a intuição das essências e das estruturas essenciais. Os objetos da ciência cartesiana estão na idealidade atemporal, já o esforço desta análise é de identificar os elementos invariáveis na multiplicidade, aquilo que permanece imutável. Uma espécie de retorno aos primeiros filmes constituintes da gênese cinematográfica.

2 - UMA IDEIA NA MÃO E UMA CÂMERA NA CABEÇA

2.1 – CAPTURANDO O TEMPO

Mais do que o princípio da dúvida (cogito), é a curiosidade a afirmativa central da evolução. O desejo, o impulso, a motivação à experiência estão contidos na



curiosidade. Ela é, na verdade, a antinomia da dúvida. Na curiosidade nos encontramos abertos, com a percepção ainda não reduzida a idealizações ou a uma sintaxe própria. A dúvida é a sua objetivação, é o impulso direcionado, um recorte ou parâmetro de condução do pensamento. Da curiosidade até a dúvida existe um percurso e é nesse movimento entre extremos, curiosidade e dúvida, ora convergente ora confrontante, que a "pergunta" é substancializada. A "resposta" é o fragmento dialético consequente da inquirição. A resposta ou a pluralidade das vias responsivas constitui também parte significativa da evolução. Mas toda a verdade é sempre uma verdade proximal incompleta, então as respostas geram novas perguntas, que por sua vez geram novas respostas e novas perguntas, num gênero arrebatador de *motu continuum*. O elemento invariável, ou seja, a essência do fenômeno reflexivo configurado em perguntas e respostas, é o movimento. O movimento é a expressão da vida e sua própria estrutura.

Existe um vínculo entre as condições da vida social e o fluxo temporal. Tempo, no caso, compreende a forma objetivada da nossa percepção para conceituar as mudanças, as transformações, o movimento. E são justamente as referências temporais que Lipovetsky usa para definir o que ele chama de hipermodernidade.

> Na hipermodernidade, não há escolha, não há alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela 'evolução"... "A mitologia da ruptura radical foi substituída pela cultura do mais rápido e do sempre mais: mais rentabilidade, mais desempenho, mais flexibilidade, mais inovação. (LIPOVETSKY, TH, 2004, p. 57).

Na hipermodernidade ninguém tem tempo. A condição superlativa das relações do indivíduo com o mundo completa um movimento de compressão espaço-temporal. Há uma diminuição de campo e o predomínio do aqui-agora hedonista. Neste contexto, novas temporalidades surgem legitimadas pelo fluxo rápido e abundante de informações. O indivíduo, por uma ação-reflexo, *insight* espontâneo ou impulso natural, aponta a câmera e filma o que vê, esteja ele onde estiver. A persistência do gesto gera o hábito que no coletivo torna-se manifestação da cultura híper.

MACEDO, Luis Porto. Videolização na educação: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.103-124, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



2.2 – COMPARTILHANDO O TEMPO

Neste ritmo, o ato de compartilhar surge como desdobramento ou "heterogênese" do real capturado no foco espontâneo da câmera. O que antes estava fundamentado em uma intencionalidade inconsciente se desprende, assume nova identidade, territorializando-se em rede, sujeitando-se a todas as combinações interpretativas que a rede pode oferecer. O vídeo compartilhado modifica o tecido relacional da memória comum. A percepção do mundo, antes condicionada a detentores exclusivos do modo de produção da informação, dissemina-se, configurando-se numa espécie de expressão de uma consciência coletiva. Levy defende que a democratização do conhecimento já está acontecendo. No artigo *Transparência é a nova objetividade*, Levy[3] menciona a Wikipédia como exemplo desta afirmativa. Refere-se ao fato de se ter acesso a uma infinidade de informações, ao fato de ser possível participar de redes sociais que servem como suporte para uma aprendizagem colaborativa e a algoritmos disponíveis que funcionam como ajuda suplementar para inúmeras utilidades. Levy chama isso de democratização do conhecimento.

Compartilhar é manifestação de poder, de controle na condução da mensagem. *"A Internet, com suas redes sociais, impõe-se como contrapoder, um novo poder."* (SILVA, 2011, p. 04). É a capacidade de impactar, interferir, demover, de desestruturar tudo isso convertido em likes, views, enfim, respostas reativas que provam que "estou vivo". A ação de compartilhar constitui-se um signo, a frequência e as combinações destes signos configuram-se em uma linguagem e uma retórica. É a "resposta" ou a pluralidade delas que pode transformar a retórica em ato dialético.

> Dialetizar (…) é organizar uma correspondência: troca recíproca de argumentos entre sujeitos, mas também relação entre entidades que se põem de súbito a significar-se mutuamente. Ao contrário de uma grande divisão entre signos e as coisas, a dialética virtualizante estabelece relações de significação, de associação ou de remissão entre uma entidade e uma outra qualquer. (LEVY, QV, 2011, P. 03).

O compartilhamento consagra o fenômeno da videolização iniciado na captura. Fundamenta um caminho para uma dialética virtual, por projetar e dinamizar

3 https://www.fronteiras.com/artigos/pierre-levy-transparencia-e-a-nova-objetividade

um “real” original. Por desdobrar-se em “processos rizomáticos do sentido, abrindo assim o caminho aos mundos virtuais que a retórica habita e faz crescer com toda autonomia” (LEVY, QV, 2011 p. 94 Levy).

Considerando os aspectos de captura e compartilhamento como pilares do fenômeno de videolização, algumas definições tornam-se necessárias para delimitar e caracterizar esta análise. O produto da captura é aqui denominado de vídeo espontâneo, quando se enquadra nas definições que seguem: precisa ser factual e reativo. Precisa considerar o que está acontecendo no momento. Precisa fazer o registro via dispositivo móvel. Precisa priorizar o fato, dar ênfase à ação e não à narrativa. Precisa ser improvisado e de qualidade condicionada à circunstância. No compartilhamento, ele precisa ser problematizador, ou seja, capaz de causar impacto ou gerar questionamento relacionado ao dispositivo contextual, no caso, a escola. Precisa estar compartilhado na plataforma YouTube. A partir destes itens, foi possível dividir e classificar os vídeos pela abordagem.

2.3 – O TEMPO APRISIONADO

A abertura do ser humano para o mundo depende das relações entre seus pares, do trabalho, da inteligência, da sensibilidade, da metamorfose incessante dos dispositivos agrupadores e do livre desenvolvimento dos códigos que surgem a partir das experiências coletivas. Se o ambiente for propício à experiência, à intersubjetividade, pode-se aprender qualquer coisa. Envolver-se total e organicamente com o ambiente é potencial condição de aprendizagem. É necessário estar imerso na pluralidade de estímulos que ele oferece, a tal ponto que o conhecimento surja da percepção bruta, que sejamos pegos de surpresa por ele, pegos no susto ao exclamar: “A resposta simplesmente surgiu do nada!”

Na centralidade do fenômeno intersubjetivo está o corpo. Merleau-Ponty observa que o corpo vidente e palpante tenta se ver vidente ou se palpar palpante: ele tenta “surpreender a si mesmo, de fora, exercendo sua função de conhecimento, esboça uma espécie de reflexão” (PONTY, FP, 2011, pg 108). É o que ele chama de reversibilidade. A indissociabilidade do palpar ou o ser do ser palpado e de um ser visto, caracteriza a reversibilidade. Este cenário expõe não apenas o

embaralhamento entre sujeito e objeto no corpo, mas assim como e especialmente que está entrelaçada na conexão do corpo com o mundo.

Segundo a ótica foucaultiana, os conceitos de controle e disciplina se impõem no ambiente escolar, tornando o corpo o objeto e o alvo de poder. Existe uma imposição de limitações, proibições e obrigações, configuradas em métodos, determinantes na relação hierárquica da escola. “Esses métodos, que permitem controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição de suas forças e lhes impõem docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’” (FOUCALT, VP, 20014, p. 135).

O espaço físico da escola atende às necessidades do exercício da cautela autoritária. O utilitarismo funcional do espaço impõe as filas, a segregação dos grupos em séries e classes. A visão do professor em relação aos alunos é ampla e, por isso, privilegiada. Os alunos, por sua vez, têm a visão limitada à nuca do colega da frente e a amplitude possível do corpo fica condicionada ao espaço da cadeira e à restrição temporal do horário de aula. Se o aluno quiser ir ao banheiro, uma necessidade natural básica e inevitável da vida, terá que se submeter à avaliação, julgamento e classificação do pedido. São condições funcionais e hierárquicas, “(...) trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo, trata-se de lhe impor uma ‘ordem’” (FOUCAULT, VP, p. 135).

Todas as exigências disciplinares impõem um esforço individual dos alunos para adequarem-se ao sistema. O espaço físico traduz a intenção, a codificação e o controle da funcionalidade orgânica. Esta funcionalidade engloba as atitudes, através da relação espaço-corpo, até a temporalização mental, através do horário de aula. O controle da mente, via temporalização, se estende além da configuração espacial da escola, através das tarefas extraclasse. “(...) O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprio a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e ‘celular’, mas também natural e ‘orgânica’” (FOUCAULT, VP, 1977, p. 141).



3 - VIDEOLIZAÇÃO

O YouTube tem mais de um bilhão de usuários, o que representa quase um terço da internet. Diariamente, essas pessoas assistem a bilhões de horas de vídeo, gerando bilhões de visualizações. Mais da metade das visualizações do YouTube é feita em dispositivos móveis. No conceito geral, os vídeos categorizados neste trabalho são chamados comumente de vídeos amadores que descrevem microssituações. Esta definição os distingue dos vídeos profissionais e semiprofissionais postados estrategicamente na plataforma. Para fins de análise e classificação, adotaremos uma nomenclatura própria, já indicada nos parágrafos anteriores.

Os vídeos vinculados ao fenômeno, e analisados neste artigo, possuem um fluxo de mapeamento configurado num espectro ainda turvo, o que compromete a eficácia da quantificação, levando em conta uma possível proporcionalidade de dados, se comparado aos vídeos globalmente postados na rede. Os vídeos aqui identificados são peças referenciais, considerados apenas para estimular a reflexão e a relação proximal do fenômeno de videolização, consolidado na plataforma YouTube. Neste primeiro recorte, foram analisados 30 vídeos conjunturados no ambiente escolar. A ação de mapeamento dos vídeos foi deflagrada por palavras-chaves correspondentes aos agentes do fenômeno, digitadas no mecanismo de busca oferecido pelo próprio YouTube. São elas: aluno, professor, mãe, tecnologia e escola. Os vídeos selecionados são os que lideram a mostra da pesquisa no navegador, por estarem posicionados no topo do ranking de views.

Estes vídeos estão classificados quanto à natureza (espontâneos) e quanto a sua abordagem (conteúdo relacionado à escola). Os vídeos espontâneos (factuais, fortuitos e incidentais) foram distinguidos em seis categorias: **aluno x aluno** – foram analisados 4 vídeos; **aluno x professor x aluno** – foram analisados oito vídeos; **mãe x aluno** – dois vídeos; **mãe x professor x professor** – três vídeos; **professor x tecnologia** – três vídeos; **quando o professor não está** – cinco vídeos.

MACEDO, Luis Porto. Videolização na educação: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.103-124, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.





lustr 01 – Alunas brigam em sala de aula.

a) **Aluno versus aluno** - Estes vídeos exibem conflitos pontuais entre alunos. Na sala de aula ou no entorno da escola as abordagens são estabelecidas por disputas pessoais, motivadas por um esforço simbólico de superioridade e controle, na medida em que são públicos e, às vezes, com "torcida". Um dos vídeos, característicos deste conceito e de grande repercussão na rede é o "Já acabou Jéssica?". Trata-se do flagrante de uma briga entre adolescentes com o final da disputa consagrado por esta frase ambígua. O vídeo atingiu mais de 91.740 visualizações.



Ilustr 02 e 03 – Na imagem à esquerda (primeiro vídeo), um aluno agride seu professor com um soco. Na segunda imagem (segundo vídeo), um professor atira o apagador na cabeça de um aluno.

MACEDO, Luis Porto. Videolização na educação: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.103-124, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.

b) **Aluno versus professor versus aluno -** São vídeos em que a relação hierarquicamente estabelecida entre professor-aluno, aluno-professor é rompida violentamente. Os motivos variam entre debates ideológicos, quando o ambiente corresponde ao Ensino Médio ou Superior, discordância na aplicação de práticas ou métodos de avaliação, ou mesmo o fato de os alunos não estarem prestando atenção à aula. De uma simples discussão até a agressão física, os conflitos são deflagrados tanto por parte do professor quanto por parte do aluno. É a categoria com maior número de vídeos catalogados nesta análise, alguns destes chegando a ultrapassar a cifra de 200 mil visualizações. Os vídeos expõem conflitos em diversos países, indicando possíveis peculiaridades distintas à cultura regional e análogas ao dispositivo sala de aula.



Ilustr 04 – Mãe ameaça afogar a filha porque ela tirou notas baixas.



c) **Mãe versus aluno** - Compreende uma categoria de vídeos que registram a intervenção violenta de pais em relação direta ou indireta ao sistema escolar, podendo ou não existir uma relação parental com os alunos envolvidos. Em um dos vídeos, vemos uma mãe batendo em uma aluna como forma de vingar a agressão sofrida por sua filha. Em outro, uma mãe chinesa desafia sua própria filha. O conflito foi gerado porque a garota havia tirado notas baixas na escola. Este vídeo tem mais de 170 mil visualizações até 22/2/2018.



Ilust 05 e 06 - Na imagem à esquerda (primeiro vídeo), uma mãe de aluno ameaça a diretora da escola com uma faca. Na segunda imagem (segundo vídeo), uma diretora de escola discute com uma professora em frente aos alunos.

d) **Mãe versus professor versus professor** - Mesmo entre aqueles que no dispositivo escola são agentes de poder, os vídeos revelam conflitos extremos, expondo o colapso destas relações. Em um vídeo, uma mãe, descontente com as notas do filho, cobra a diretora da escola e a ameaça com uma faca. Em outro, uma diretora questiona, acintosamente, a prática de uma professora, em frente aos seus alunos. A professora responde com a mesma agressividade. Este vídeo tem 2.084.833 visualizações.

MACEDO, Luis Porto. Videolização na educação: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.103-124, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 18
NÚMERO 36
AGOSTO A DEZEMBRO DE 2018
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



Ilust 07 – Professor quebra um tablet com um martelo, para provar que a tecnologia é menos resistente do que um livro impresso.

e) **Professor versus tecnologia** - Série de vídeos em que os professores reagem proibitivamente às intervenções ou ao uso de tecnologia de comunicação em sala de aula. Na maioria dos vídeos, o alvo da fúria dos docentes é o celular. Os professores tendem a reagir violentamente, quando a aula é interrompida com a chamada do aparelho. Em um destes vídeos, o professor testa a resistência de um tablet em relação a um livro de papel. Apenas o livro resiste às marteladas dadas por ele. Esta postagem já alcança mais de 600 mil visualizações.



Ilustr 08 – Alunos teatralizam o cotidiano dentro de um ônibus. A ação se passa aproveitando a ausência do professor.

MACEDO, Luis Porto. Videolização na educação: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.103-124, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



f) **Quando o professor não está** - Série de vídeos que mostram alunos se articulando em grupos, desenvolvendo atividades espontâneas, lúdicas e com grande foco de energia emocional ativa, na ausência do professor da sala de aula. Incorporam cooperação grupal, às vezes em representação teatral, por outras em jogos autônomos de caráter relacional. Em um destes (Ilustração 08), os alunos encenam ações desenvolvidas em um ônibus, incorporando personagens múltiplos, aparentemente projetando situações corriqueiras vividas por eles no dia a dia. Este vídeo já alcança mais de 700 mil visualizações.

O conteúdo que associa os vídeos do item “a” até o “e” é a violência. O produto vídeo compartilhado, como dispositivo de mídia, torna visível o que foi obscurecido pela clausura do ambiente escolar ou pelas ramificações que dele se originam. O fenômeno de videolização expõe o fato, estabelecendo um jogo de luz e dizibilidade sobre disputas de potências e subjetividades. Foucault diz que as linhas de subjetividades são linhas de fuga. Se as subjetividades são linhas de fuga, significa que as identidades nunca estão concluídas, são sempre identificações em curso. Todo dispositivo de algo que já é estratificado, consolidado, é aquilo que é atualidade (atualidade é algo que ainda não existe). As identidades e as subjetividades são sempre plurais, são estes processos e estas linhas de fuga. A maioria dos vídeos espontâneos relacionados à escola é de vídeos de conflitos, o que remete à reflexão para a possibilidade de estes vídeos, na sua origem, serem reflexo de um enfrentamento factual/crítico aos dispositivos de assujeitamento e de dominação que a escola, tradicionalmente, impõe. Foucault pesquisou e descreveu o papel do poder, especificadamente a disciplina, na formação histórica de instituições como o presídio, o hospital, a escola e a fábrica.

Nessa perspectiva, “(...) o poder e o saber produzidos pelas normas disciplinares são fundamentais para a organização burocrática. Em uma sociedade de instituições burocratizadas como a nossa, o poder disciplinar se desenvolve em todo tecido social” (KRUPPA, 1994, p. 102).

Sobre esse poder disciplinador direcionado especificadamente para a escola, pode-se constatar a predominância de mecanismos de vigilância (disciplinadores)

sobre a questão qualitativa da construção do saber educacional. O ensino é sobreposto pela vigilância.

O sistema punitivo se naturaliza através da continuidade do esforço de coerção exercido sobre os alunos, de forma que o resultado seja a submissão às tarefas e às normas impostas pelo sistema. A polarização do poder se estabelece como princípio e como regulamentação.

De acordo com Foucault (2014, p.141), "(...) o corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprio a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e 'celular', mas também natural e 'orgânica'".

A hostilidade exposta nos vídeos pode ser o resultado do excedente de energia acumulado pela normatização dos princípios de controle. Encarcerar, fracionar, competir, selecionar, discriminar, hierarquizar, individualizar, vigiar, punir, enfim, dominar. O sistema, desta forma, se caracteriza pela coerção da subjetividade à norma estabelecida. A fissura a esta normatização, a reação pode dar-se de forma violenta quanto mais rígidos forem os limites estabelecidos. Os valores da dominância se propagam e repercutem em todos os agentes do ambiente escolar, reproduzindo e traduzindo conceitos e elementos da cultura autoritária. A mãe zela por estes valores quando pune a filha por tirar notas baixas. O aluno que se rebela, se rebela por não suportar os limites da autoridade, bem como o professor por representar, ele também, uma vítima de um arbítrio superior que o transforma numa espécie de carcereiro. Assim por diante, pais contra professores, professores contra professores, alunos contra alunos. Esta possibilidade parece reafirmar-se, quando a tecnologia é vista em sala de aula como uma ameaça à sobrevivência da dominação. Celulares, tablets ou o uso não normatizado do computador competem contra o conservadorismo e, por isso, são demonizados. A autonomia e a independência que estas ferramentas podem proporcionar são vistas como uma ameaça e, possivelmente, por isso também, tornam-se objetos de violência.

O flagrante espontâneo registrado nos vídeos pesquisados não oferece apenas os conflitos descritos anteriormente. No item "f", a ausência do professor em sala de aula parece promover agenciamentos de expressão capazes de alargar o

espectro de relevância desta análise. Neste caso, os alunos elaboram desafios e interagem em jogos de significação que surpreendem, por revelar saberes e habilidades paradoxais aos descritos nos vídeos que registram apenas conflitos. Enquanto nos primeiros predomina o aspecto competição, no do item “f” predomina o aspecto cooperação. O sistema de transferência de conhecimentos é substituído pela satisfação de uma necessidade latente e catártica, no caso, a liberdade coletiva delineada por regras de comum acordo. Isto representa, na verdade, um contraponto à repressão revelada e, possivelmente, responsável pelos conflitos característicos dos vídeos. A vivência corporal promove a construção do conhecimento, substitui a complexidade pela essência e a sujeição pela participação ativa, democrática e espontânea.

A definição da essência das coisas é um problema precípuo da sondagem fenomenológica, de outra forma, quando abordado em seu sentido coexistencial, esse problema alcança razoabilidade, levando em conta o resgate da experiência fenomenal como essência relacional na existência. Conforme afirma o filósofo:

> A necessidade de passar pelas essências não significa que a filosofia as tome por objeto, mas, ao contrário, que nossa existência está presa ao mundo de maneira demasiado estreita para conhecer-se enquanto tal no momento em que se lança nele, e que ela precisa do campo da idealidade para conhecer e conquistar sua facticidade. (PONTY, FP, 2011, p. 11-12).

A videolização expõe a experiência coletiva, produz signos espontâneos que se articulam, estruturando-se em uma linguagem intuitiva, impregnando a percepção do mundo, do outro e de si mesmo. Esta exposição aponta para um aspecto central da facticidade, o recalcamento da alteridade. Este fundamento da repressão psicológica se reflete no aspecto corporal, interior-exterior, explorando a ambiguidade circunstancial da percepção. Para a fenomenologia, a violência está relacionada ao pensamento objetivo como um fenômeno tardio que diz respeito à passagem da infância para a vida adulta. É com o cogito que a hostilidade emerge, configurando-se em luta de consciências norteada pelo desejo de aniquilação alheia, tornando alvo tudo aquilo que se apresenta como contrário aos interesses estigmatizados na competição.



A consideração da presença ou da ausência de um sentido de reversibilidade parece ser relevante como um conceito relacional de análise dos vídeos. Isto se levarmos em conta a necessidade do entendimento das implicações resultantes dos comportamentos expostos. A captura e o compartilhamento dos vídeos cumprem um papel de confrontar a diferenciação da carne no mundo, a textura do real, a construção da linguagem, das identidades, porque eles implicam em alterar a forma como percebemos o mundo. "[…] não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que percebemos" (PONTY, FP, p.15).

Nos vídeos classificados pela ausência do professor, não é possível dimensionar até que ponto o comportamento dos alunos está relacionado ao fato de o professor não estar em aula, ou mesmo se a relação e a dinâmica pedagógica predominante na relação professor/aluno influenciam este comportamento. Alguns vídeos de violência acontecem também na ausência do professor, o que significa que esta ausência não é um fator determinante para que as atividades integradoras sejam consideradas resultado decretório em circunstâncias similares. A seleção destes vídeos é relevante nesta análise, apenas por indicar uma alternativa, um contraponto possível à grande maioria dos vídeos violentos. A ausência do professor e os atributos de autonomia e gerenciamento coletivo expressos nos vídeos parecem configurar indícios e não uma objetivação recorrente para o problema desvelado pelo fenômeno videolização.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um primeiro momento, é possível categorizar a pertinência deste estudo pela capacidade que o fenômeno videolização tem de identificar problemas, possibilitar diagnósticos e encaminhar reflexões, a partir do registro facticial do universo escolar.

A espontaneidade do fenômeno situa a narrativa audiovisual em um campo pré-mélièsiano. Faz surgir um devir da gênese da narrativa essencial-documental dos irmãos Lumière. Talvez seja este o ponto mais importante proposto nesta

análise. Uma redução eidética, conduzindo exterioridades potenciais para o audiovisual e para a educação.

Embora, ao observar os vídeos, a linguagem audiovisual possa ser percebida a partir de peculiaridades narrativas múltiplas e complexas, a centralidade desta análise considera o que é invariante, ou seja, sua essência.

A videolização resgata a expressão segunda da experiência, como fonte de idealização original. Este aspecto emerge na captura espontânea do fato e se apresenta como o fundamento intrínseco, que possibilita o desnudamento da relação do ser humano com o mundo na sua condição invariante. A "facticidade e a idealidade" do evento apontam para aspectos potenciais na construção de identidades e na afirmação de linguagens. Em sendo a linguagem a virtualização de um tempo real (temporalidade), torna-se inevitável a correspondência deste fato com a possibilidade de delimitação de conceitos hodiernos, os quais, por sua vez, poderão gerar uma linha específica de conhecimento, tanto do ponto vista teórico como tecnológico.

O vídeo espontâneo, alvo desta análise, resulta da percepção ingênua do mundo, uma projeção do ser para fora de si, e suas características estendem a experiência, na medida em que retoma, transforma e prolonga as relações de sentido iniciadas na percepção. A gestualidade expressa, tanto nos vídeos de conflitos como nos de flagrantes lúdicos, se apresenta como signo autônomo, aberto e estruturante da linguagem essencial. "Obtêm-se a comunicação ou a compreensão dos gestos pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro, entre meus gestos e intenções legíveis na conduta do outro", como afirma Ponty.

A análise dos vídeos que compõem o recorte desta pesquisa engloba a experiência perceptiva audiovisual, as condições propícias, ou não, para a construção de conhecimento e uma pontuação dos elementos invariáveis identificados a partir do conceito de redução eidética.

Como dado invariável, é possível distinguir o **corpo** como elemento central das ações, o que remete a experiência para uma circunstância de intencionalidade e de estado de significação. A partir daí a gestualidade espontânea surge como configuração de linguagem essencial, desde uma logos nascente (como momento



instaurador e condição do ser-no-mundo para o ato de conhecer) até uma conjunção de ambiência vinculada ao espanto, à curiosidade, à expressão de grupo, às vivências e à inclusão.

Se esses elementos se apresentam numa experiência perceptível no audiovisual, como essenciais para a configuração de uma ambiência propícia na construção de conhecimento (é o que acontece nos vídeos lúdicos), é justo pensar que tal condição possa ser invocada, a fim de repeti-la em uma situação de apreensão e de aperfeiçoamento da experiência na forma como ele se apresenta.

Ao contrário do que ocorre nos vídeos violentos, o aspecto lúdico corporal da segunda categoria de vídeos propicia liberdade pessoal e envolvimento necessários para a vivência ou a construção de conhecimento. A linguagem do corpo como meio de expressão do ser-no-mundo, do corpo-próprio, gera ingenuidade e inventividade para solucionar crises vividas, surgidas pela necessidade de dominar um conhecimento novo. As potencialidades são estimuladas ao desenvolvimento no momento da experiência, desta forma a pessoa torna-se aberta para o mundo, sempre novo, e sempre por manifestar-se.

O segundo elemento invariável é a câmera fixa. Seguindo o conceito de redução eidética, a proposta se afirma na necessidade de considerar apenas as formas de significação indispensáveis ao fato, e, assim, distinguir, com toda clareza, a língua audiovisual empírica, como realização embaralhada da linguagem essencial. A câmera fixa e espontânea abdica de complexos ângulos de enquadramento, pontos estratégicos e múltiplos de luz ou de uma controlada direção de arte. As implicações desta ótica aproximam o conceito basilar da linguagem audiovisual como uma estrutura orgânica em superação ao dualismo sujeito-objeto, homem-mundo. Compreende o comportamento humano (incluindo a linguagem) como uma totalidade, em que cada parte só tem sentido atuando junto com as demais. É a aproximação do cinema ao cotidiano concreto, é o cinema da essência, **o cinema bruto**, o cinema que busca dar conta do espaço, do tempo e do mundo no qual vivemos e que, na verdade, sempre foi o grande e fundamental esforço da expressão humana.

MACEDO, Luis Porto. Videolização na educação: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.103-124, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



A câmera fixa permite a continuidade da ação e a liberdade de atuação. Permite o registro de reações no aqui e no agora, evitando intervenções condicionadas pelo controle vertical, teorias e técnicas que são, na realidade, descobertas ou discursos de um em detrimento de todos. A câmera fixa permite uma liberdade psicológica para o registro do fato.

O aprofundamento do estudo aqui referenciado poderá ramificar-se em contribuições hodiernas, tanto para a educação (ensino a distância), considerando o papel do vídeo neste dispositivo, na educação para o audiovisual, como também para questões linguístico-narrativas cinematográficas. Um estudo profundo sobre recepção destes vídeos permitirá a compreensão dos elementos de resposta e interação do audiovisual, o que afeta diretamente a questão de uma possível dialogicidade para a linguagem cinematográfica. Estas hipóteses somente se afirmam na medida em que estamos vivendo na época da virtualização do vídeo.

Referências:

COELHO JÚNIOR, Nélson. *Merleu-Ponty: filosofia como corpo e existência*. São Paulo, Escuta 1991.

DELEUZE, Gulles. *A imagem tempo.* São Paulo: Brasiliense, 2013.

DUPOND, Pascal. *Vocabulário de Merleau-Ponty.* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____*Vigiar e punir: nascimento da prisão.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HUSSERL, Edmund*. A ideia da fenomenologia.* Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

KRUPPA, S. M. P. *Sociologia da educação.* São Paulo: Cortez, 1994.

LEVY, Pierre. *O que é virtual.* São Paulo: Editora 34, 2011.

_____*As tecnologias da inteligência.* Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

_____*Ciberdemocracia.* Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2002.

MACEDO, Luis Porto. Videolização na educação: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.103-124, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



_____*Cibercultura.* São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
_____*A tela global, mídias culturais e cinema na hipermodernidade.* Porto Alegre: Sulina, 2009.

PONTY, Merleau*. Fenomenologia da Percepção.* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
_____*Signos.* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1991.

_____*O Visível e o Invisível.* São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____*Résumés de Cours.* Collège de France. 1968.

SIBILIA, Paula. *O Homem Pós Orgânico Corpo, subjetividade e Tecnologias Digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, Juremir Machado da. *Da teoria da embalagem à transparência total de Julian Assange//* From theory of packing to Julian Assange's total transparency. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura, América do Norte, 09/09/2011. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5086/3882> Acesso em: 26/3/2018.

LISTA DE ENDEREÇOS E ILUSTRAÇÕES

https://www.youtube.com/watch?v=6GLE5sIQBIU - “Alunas brigam em sala de aula” - Ilustração 01
https://www.youtube.com/watch?v=KO-dHNN3FNU - “ Aluno agride seu professor com um soco” - Ilustração 02
https://www.youtube.com/watch?v=lQU34fNliM4 - “Professor joga apagador no aluno implicante” - Ilustração 03
https://www.youtube.com/watch?v=VRGoVa3sZ58 - “Mãe ameaça afogar a filha porque ela tirou notas baixas” - Ilustração 04
https://www.youtube.com/watch?v=skjH41Yi7fk - “Mãe ameaça diretora com faca” - Ilustração 05
https://www.youtube.com/watch?v=srO1ryEpdUY - “Diretora de escola discute com uma professora em frente aos alunos” - Ilustração 06
https://www.youtube.com/watch?v=Fvki3rwUq3g&t=1s - “Professor quebra tablet com um martelo” - Ilustração 07
https://www.youtube.com/watch?v=blidgH6Jo74 - “Alunos teatralizam o cotidiano dentro de um ônibus” - Ilustração 08

MACEDO, Luis Porto. Videolização na educação: uma ideia na mão e uma câmera na cabeça. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.103-124, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.